



Linguagem e loucura em Guimarães Rosa

Language and madness in Guimarães Rosa

Profa Dra. Maria Perla Araújo Morais¹

Resumo: Guimarães Rosa constrói uma percepção da loucura por meio da linguagem em “Sorôco, sua mãe, sua filha”, conto de **Primeiras estórias**. No início do século XX, o saber moderno, a modernidade urbana e a consolidação da psiquiatria instauram que a loucura deve ser excluída do convívio das grandes cidades e da sociedade. Já, no conto, há várias estratégias de inclusão, propiciadas pela linguagem.

Palavras-Chave: Literatura; História; Modernidade; Guimarães Rosa; Loucura

Abstract: Guimarães Rosa builds a perception of madness by means of language in "Sorôco, sua mãe e sua filha", a short story included in **Primeiras estórias**. In the beginning of the 20th century, the modern knowledge, the urban modernity and the consolidation of the psychiatric sciences establish that madness must be excluded from big cities and society. On the other hand, in the story, there are several strategies of inclusion, all favored by language.

Keywords: Literature; History; Modernity; Guimarães Rosa; Madness.

Em diversos textos de Guimarães Rosa, há uma reflexão sistemática sobre o tema da loucura. Em “Sorôco, sua mãe, sua filha”, conto do livro **Primeiras Estórias**, o escritor mineiro não só se vale de informações sobre a estrutura das instituições e sobre o tratamento psiquiátrico oferecidos aos doentes mentais da época, mas também revela-nos quão dúbia era a percepção da loucura pela sociedade. Observamos um questionamento sobre os limites da loucura e, principalmente, sobre o espaço destinado aos loucos no início do século XX no Brasil. Ratifica e intensifica esse questionamento um trabalho singular com a palavra, já que a obra é perpassada por estratégias de linguagem que visam à inclusão, movimento diverso à lógica de apreensão da loucura na época.

Acreditamos que esse entendimento sobre a loucura segue um movimento próprio do texto rosiano. Ao contrário do pensamento moderno que

¹ Maria Perla Araújo Morais é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é professora de Literatura Brasileira na UFMT.

se satisfaz na lógica da exclusão, os textos de Guimarães Rosa apontam para a inclusão do dado estranho ou exótico na ordem do dia. O estranho estaria, nas narrativas de Guimarães Rosa, ocupando o mesmo espaço que lhe é destinado no saber popular: arraigado ao cotidiano. Dessa forma, Guimarães Rosa propõe uma história às avessas do discurso oficial da loucura, porque cria, ao mesmo tempo, o enredo e o desenredo dessa história, ao operar com a lógica da inclusão.

Em “Sorôco, sua mãe, sua filha”, temos a história de um homem, Sorôco, que se vê obrigado a internar em uma instituição de tratamento mental seus dois únicos parentes: sua mãe e sua filha. O conto narra o episódio de separação dos parentes numa estação ferroviária, quando Sorôco vai encaminhar sua mãe e sua filha para a instituição. A cena é acompanhada pelos olhares e comentários dos moradores do local.

Pelo resumo do conto, notamos que o texto vai tratar de uma separação, mas, se percebermos inicialmente o título do texto, veremos um movimento diverso a essa expectativa. A tônica da inclusão se faz presente no texto a partir do título mesmo, quando há a opção pelo não fechamento do sintagma nominal no último elemento da enumeração. Observamos, ainda, a utilização do pronome possessivo “sua” que, em nossa língua, pode tanto fazer referência a Sorôco, quanto ao leitor do texto.

Michel Foucault, em **História da loucura**, explica as origens das instituições de tratamentos psiquiátrico e o lugar reservado aos “loucos” ao longo dos séculos. Diz Foucault que a medicina demorará a se apropriar desse assunto. Na Idade Média, por exemplo, a regressão da lepra na Europa faz com que os antigos leprosários passem a ser ocupados por incuráveis e loucos. A exclusão e o abandono dos leprosos e, mais tarde, dos loucos será vista como uma forma de salvação: “ (...) sua exclusão oferece-lhe uma outra forma de comunhão.” (FOUCAULT, 1991, p.06) Acreditava-se que a existência de leprosos era uma manifestação de Deus, indicando a sua cólera e também a sua bondade. A salvação se daria pela exclusão social. No Renascimento, os loucos são escorraçados dos limites da cidade.

Assim, ao lado da exclusão, soma-se essa natureza errante da loucura. Em uma invenção renascentista, a Nau do loucos, os loucos eram confiados a barqueiros para serem levados para longe da cidade.

No imaginário renascentista, essa nau adquiriu um significado simbólico de nau dos “insanos em busca da razão”, mas, em algumas cidades, o número de loucos que aportava era tanto que eles eram jogados em prisões sem tratamento algum. Outro simbolismo que é realçado nesse momento é o da água. A água purifica quem fica e quem parte nessas naus. Nas naus, o louco está entregue ao seu próprio destino, entrega a sua inerente condição:

Num certo sentido, ela [a Nau] não faz mais que desenvolver, ao longo de uma geografia semi-real, semi-imaginária, a situação liminar do louco no horizonte das preocupações do homem medieval- situação simbólica e realizada ao mesmo tempo pelo privilégio que se dá ao louco de ser fechado às portas da cidade: sua exclusão deve encerrá-lo; se ele não pode e não deve ter outra prisão que o próprio limiar, seguram-no no lugar de passagem. (FOUCAULT, 1991, p.12)

Na literatura, a partir do final da Idade Média, o louco será visto como o “detentor da verdade”. Não são raros, dessa forma, textos e peças teatrais que focalizem o parvo, o tolo, como aquele que conduz à verdade através de um discurso às avessas. Os loucos denunciam um saber: o saber do absurdo, do proibido, o saber das inversões.

O conto de Guimarães Rosa parece manter um diálogo muito estreito com esses aspectos iniciais. Primeiro porque a mãe e a filha, na narrativa, estão para ser excluídas do convívio de Sorôco. Vão tomar o “trem do sertão”. A Nau dos Loucos se transforma no trem, que também será responsável por escorraçar dos limites da cidade os indesejáveis. Nesses trens, os loucos eram confiados ao seu próprio destino. É o próprio narrador que sugere essa analogia: “(..) o carro lembrava um canoão seco, navio. (...) Parecia invento de muita distância, (...)” (ROSA, 2001, p.63)

Na modernidade, a exclusão da loucura irá se aliar ao projeto de modernidade e urbanização das cidades. Processo que se inicia na França acaba influenciando o Brasil. Dessa forma: “O poder público no Brasil tratará a

loucura como um alvo de sua assistência específica a partir do século XIX, com a criação do Hospício Pedro II, em 1841 e que, em 1890, irá se transformar no Hospício Nacional dos alienados.” (BARROS, 2008, p.21) Entretanto, nessas instituições, o tratamento oferecido aos “loucos” era precário. Eles ficavam juntos com outros enfermos e eram acorrentados. Mais tarde, com a modificação da visão sobre a loucura (o hospício deverá ser um meio de continuidade da moral social), surgem outras instituições no Brasil.

No conto, há uma referência a uma instituição em específico: “Para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. Para o pobre, os lugares são mais longes.” (ROSA, 2001, p.63). Em 1903, Barbacena ganha como prêmio de consolação por não ter sido escolhida a capital mineira uma instituição de tratamento psiquiátrico, o Hospital Colônia de Barbacena. O hospício, naquele momento, era uma importante instituição pública e seria a primeira em Minas Gerais, o que possivelmente atrairia recursos e investimentos para a cidade. Além disso, Barbacena ocupava uma posição estratégica, entre o centro de Minas e o Rio de Janeiro, que será reforçada pela implantação de estradas de rodagem e da malha ferroviária das estradas de ferro da Central do Brasil. A localização do Hospital atentou para esse aspecto, já que foi construído no subúrbio da cidade de Barbacena, numa colina, em frente à Estrada de Ferro da Central do Brasil. (DUARTE, 1996, p.102) Barbacena era assunto conhecido de Guimarães Rosa, já que ele viveu na cidade entre 1932-1934, servindo como oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria e, como médico, estaria sensível a essa situação.

No início do século XX, portanto, a loucura tinha endereço certo. Mais detalhes sobre essa estrutura são revelados no conto. Como, por exemplo, o horário e como os pacientes saíam de suas cidades em direção a Barbacena: “O trem do sertão passava às 12h45m” (ROSA, 2001, p.62). De acordo com Maristela Nascimento Duarte, o trem do sertão ou o trem “nocturno” chegava ao seu destino à noite para não chocar a população de Barbacena. Provavelmente, pela marcação no conto rosiano, o trem faria uma longa viagem. A estudiosa revela as condições dos pacientes nessa viagem:

O trem transportava, para a Assistência, doidos de

diferentes localidades do Estado e/ou removidos do Instituto Raul Soares. Esses eram submetidos a uma longa viagem imobilizados, de mãos e/ou pés amarrados por tiras de panos fortes, ou imobilizados pelo Manchón. Após longa e estranha viagem, desciam na estação do Sanatório, sendo encarcerados nos muros do hospício. (DUARTE, 1996, p.108)

Pela citação, notamos que os pacientes eram imobilizados dentro do trem que os transportava para o Hospital. Guimarães Rosa também está atento a esse fato: “E subiam também no carro uns rapazinhos, carregando trouxas e malas, os embrulhos de pão. Por derradeiro, o Nenêgo ainda se apareceu na plataforma, para os gestos de que tudo ia em ordem. *Elas não haviam de dar trabalho.*” (ROSA, 2001, p.65, grifos nossos)

O prédio destinado ao Hospital Colônia era dividido em dezesseis pavilhões, com enfermarias, refeitório, celas, pátios cimentados e um grande muro. Assemelhava-se, por isso, a uma prisão. Isso porque a cultura da época fazia crer que os pacientes que estavam ali eram incuráveis e poderiam transmitir a loucura hereditariamente: “O indivíduo era tratado como alguém muito agressivo, perigoso e inadaptável ao convívio familiar, o que explicava sua segregação e reclusão.” (BARROS, 2008, p.29)

No conto de Guimarães Rosa, vemos essa estrutura representada. Como o caso envolve dois elementos da família, a mãe e a filha, a questão da hereditariedade parece também levantada aqui. Ainda o discurso oficial da loucura aparece no conto pela semelhança do trem a uma prisão. Trata-se de um recurso metonímico que antecipa o destino das personagens. João Baptista Magro Filho informa que as janelas do Hospital Colônia abriam como basculantes para camuflarem as grades. (MAGRO FILHO, 1992, p.58). Segundo Márcia Marques de Moraes (2008, p.56), há no conto muitas insinuações de prisões, bem como símbolos que indicam divisão. Atentemos para a descrição do “trem do sertão”:

Aquele carro parara na linha do resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação. Não era vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais

vistoso, todo novo. A gente reparando via as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. (ROSA, 2001, p.62)

O conto também suscita a reflexão sobre quem era admitido e como era a admissão dos pacientes nessas instituições. Ambas são mulheres e, inicialmente, quando foi criada, a instituição não comportava pacientes do sexo feminino. Só passou a aceitá-las em 1904, quando foi realizada uma adaptação do antigo prédio do Sanatório para comportar mulheres.

O Hospital Colônia abrigava não só doentes mentais, como também alcoólatras e comportava tanto pacientes pobres como particulares. Entretanto, por volta de 1912, quando foi implantada na Instituição a alternativa do trabalho como terapêutica, observamos que somente os indigentes, o pobre e o marginal, considerados como infratores de uma norma social, vão se redimir pelo trabalho. A respeito das diferenças sociais, Guimarães Rosa se posiciona: “Para o pobre os lugares são mais longes.” (ROSA, 2001, p.63)

Sobre o processo por que um paciente tinha que passar para ser internado, o conto nos revela:

De antes, Sorôco agüentara de repassar tantas desgraças, de morar com as duas, pelejava. Daí, como os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso. Tiveram que olhar em socorro dele, determinar de dar as providências, de mercê. Quem pagava tudo era o Governo, que tinha mandado o carro, Por forma que, por força disso, agora iam remir as duas, em hospícios. O se seguir. (ROSA, 2001, p.64)

Para ser internado, o paciente que não fosse contribuinte deveria seguir uma rotina: preencher uma ficha esclarecendo a identidade, expor os motivos de alienação e atestar a indigência. Os documentos eram entregues ao Chefe de Polícia que enviaria a documentação ao Secretário do interior para a aceitação ou não da internação. Já os contribuintes poderiam se internar sem fazer essa intermediação pela Secretaria do Interior.

A segregação, no entanto, não era acolhida como uma forma de tratamento. Antes, o narrador deixa claro que Sorôco nunca mais veria sua mãe e sua filha: “[o trem] ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre.” (ROSA, 2001, p.62)

De acordo com João Baptista Magro Filho, a porcentagem de óbitos de indigentes homens entre 1915 e 1920 é de 62%; entre as mulheres, no período de 1907 e 1917 é de 58%. Já entre os pensionistas de ambos os sexos, entre 1903 e 1923 é de 18%. As duas personagens, como pobres, provavelmente, estariam fazendo parte dessas estatísticas.

Entretanto, ao longo do conto, com se fosse um desenredo desse enredo de exclusão, há várias estratégias de linguagem que tentam resgatar a loucura da segregação. Assim, se no discurso oficial da loucura observamos duas personagens sendo enviadas para tratamento a uma instituição de tratamento mental, notamos também que o narrador insinua a real finalidade dessas instituições, somente excluir do convívio os pacientes e não tratá-los: “O que os outros diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar nunca mais”. (ROSA, 2001, p.64)

Essa constatação talvez justifique o silêncio de Sorôco durante o conto. O personagem quase não fala. Quem o acolhe é um narrador que oscila sua voz entre uma impessoalidade e um envolvimento. É significativa nesse sentido uma expressão que utiliza, “a gente”:

(...) a gente não pudesse imaginar direito nem se acostumar de ver (ROSA, 2001, p.63)

Agora, mesmo, a gente só escutava era o acorçôo do canto, das duas(...)” (ROSA, 2001, p.65)

A gente se esfriou, se afundou – um instantâneo. A gente...(ROSA, 2001, p.66)

A gente estava levando agora Sorôco (...) A gente, com ele, ia (...) (ROSA, 2001, p.66)

Sabemos que na Língua Portuguesa essa expressão pode ser entendida de duas maneiras. Podemos entendê-la como uma descrição

apenas, descrição de uma “gente” qualquer ou significaria, ainda, que o narrador está fazendo parte da gente que narra. Assim, “a gente” não seria uma gente à parte, mas o narrador e quem escuta ou quem faz parte da narração. Até porque, no começo da narrativa, o narrador não usa esse recurso. Prefere marcar um distanciamento com expressões como “As muitas pessoas”, “o que os outros diziam”. Esse narrador que, nos primeiros parágrafos, se distancia da narração, com a expressão “a gente”, começa, ao menos, um movimento ambíguo de aproximação do fato.

As duas únicas frases de Sorôco são pronunciadas no momento em que a sua mãe se desprende de seu braço e vai sentar-se na escada do carro. Diz ele: “Ela não faz nada, seo Agente” e, logo depois, completa, “Ela não acode quando a gente chama.” (ROSA, 2001, p.64). O discurso da negação, aqui, é de acolhimento da loucura, ao contrário de um discurso oficial que vem representado principalmente pelos agentes que levarão as duas mulheres. Na linguagem de Sorôco, a negação é acolhimento, diferente da lógica do discurso oficial da loucura. Essa diferença de discursos aparece na seguinte passagem:

Agora, mesmo, a gente só escutava era o acorçôo do canto, das duas, aquele chirimia, que avocava: que era um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, sem jurisprudência de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois. (ROSA, 2001, p.65)

Observando aquela cena “sem jurisprudência de motivo nem lugar”, o que se percebe é a enorme diversidade da vida sendo silenciada. O que essa jurisprudência julga é o “antes” e o “depois”. O que o narrador quer discutir é o “agora” e a individualidade dos personagens.

Esse “agora” é sensato quanto ao futuro das duas nas instituições de tratamento e, por isso, representa um movimento contrário à exclusão. Ao trem que desagrega, o “povo” começa a agregar:

As muitas pessoas já estavam de ajuntamento em beira do carro, para esperar. As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, conversavam, cada um porfiando no falar com sensatez, como sabendo mais do que os

outros a prática do acontecer das coisas. Sempre chegava mais povo- o movimento.” (ROSA, 2001, p.63)

A movimentação das pessoas é comparável à movimentação textual que agrega e desagrega, que mistura signos dúbios como uma maneira de tentar ver a loucura sobre esse duplo aspecto. Durante todo o conto, há referências à loucura como algo que desvia da normalidade. Todos os objetos relacionados à loucura são marcados por essa característica. Dessa forma, o carro que as levaria para a instituição de tratamento mental parecia “torto”, o expresso do Rio iria parar no “desvio de dentro” da cidade, o vagão em que elas se acomodariam era mais “vistoso”, cheio de “diferenças”. Mas, no Estado Moderno, as diferenças são silenciadas. No conto de Guimarães Rosa, elas são acolhidas.

Outra estratégia interessante de acolhimento é a caracterização do povo que acompanha a despedida de Sorôco de seus familiares. Se, em um primeiro momento, o que se nota é uma reprodução pelo povo do discurso oficial da loucura, ao longo dessa narrativa a certeza inicial vem marcada por interrogações. Essa incerteza eclode no final, quando o povo acolhe, de vez, a loucura ao reproduzir a canção que a mãe e a filha de Sorôco cantam.

A cena da separação de Sorôco, sua mãe e sua filha também é vista de uma maneira dramática. O povo, no conto, não queria se entristecer com aquilo e procurava, através da linguagem, entender a situação acionando a racionalidade do discurso psiquiátrico. Tentava também se distanciar da imagem muito dolorosa de separação. Embora frequente, nunca se acostumava de ver cenas como aquela. Se os gestos e a situação das mulheres provocavam riso, também provocavam respeito pela dor de Sorôco. A dubiedade marca a percepção da loucura pelo povo. Vejamos a passagem a seguir:

Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado. Em mentira, parecia entrada em igreja, num casório. Era uma tristeza. Parecia enterro. Todos ficavam de parte. A chusmas de gente não querendo afirmar as vistas, por causa daqueles trasmodos e despropósitos, de fazer risos, e por conta de Sorôco-para não fazer pouco caso. (ROSA, 2001, 64)

Assim, para um saber moderno que impunha exclusão à loucura, o povo representa um saber diferente. O próprio narrador quer que também acolhamos Sorôco, sua mãe, sua filha. Aqui, fica patente o jogo de linguagem presente na utilização do pronome “sua”. “Sua” não é só de Sorôco, mas também pode ser a do leitor.

De acordo com Márcia Marques de Moraes, há um discurso de certeza identificado com “os outros” que vaticina o destino da mãe e da filha de Sorôco: “Hay una voz indeterminada que decreta el lugar de la locura e, inclusive, en ese momento, marca geográficamente ese lugar” (2008 p.54-5). A essa voz dos outros, o narrador contrapõe a voz de um povo que quer acolher as duas e, principalmente, Sorôco.

O conto é um exercício de acolhimento da diferença, porque, ao mesmo tempo em que reflete sobre o dado estranho, também quer entendê-lo, quer aceitá-lo. Significativo, nesse sentido, é a cena final em que as duas já preparadas para embarcar começam a cantar. Cantam algo que ninguém entendia:

A moça, aí, tornou a cantar, virada para o povo, o ao ar, a cara dela era um repouso estatelado, não queria dar-se sem espetáculo, mas representava de outoras, grandezas impossíveis. Mas a gente viu velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo-um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz, ela pegou a cantar, também, tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendi. Agora elas cantavam junto, não paravam de cantar.(ROSA, 2001, p.64-5)

O canto, festivo ou fúnebre, equipara-se à loucura. Embora sem o entendimento à luz da razão, o povo acolhe a loucura, reproduzindo a mesma música sem sentido das duas.

A acolhida do povo reproduz uma incerteza quanto ao destino das personagens e quanto ao próprio entendimento da loucura. O “de sempre”, em relação ao discurso da loucura, é desconstruído, porque a narrativa faz questão de abordar outro tempo, um aqui e agora de todos nós. Essa conjunção de

tempos e de histórias irrompe com a canção de todos no final da narrativa, mostrando que a memória da loucura não é vazia, mas plena de significações.

Bibliografia

BARROS, Mary Cristina Silva. **Repensando os porões da loucura**; um estudo sobre o Hospital Colônia de Barbacena. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

DUARTE, Maristela Nascimento. **Ares e luzes para mentes obscuras**; o Hospital Colônia de Barbacena: 1922-1946. Dissertação de mestrado em Ciências Políticas. Departamento de Ciências Políticas, UFMG: Belo Horizonte, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MAGRO FILHO, João Baptista. **A tradição da loucura**; Minas Gerais 1870-1964. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MORAIS, Márcia Marques. La ironía de la locura: una lectura de Soroco, sua madre, su hija. In: D'ANGELO, Biagio. **Verdades y veredas de Rosa**; ensayos sobre la narrativa de João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUC MINAS, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.